

ISRAEL-PALESTINA: PARAR COM A LOUCURA!

Peter Demant¹

Conheci e me relacionei com inúmeras pessoas de ambos os lados engajadas na luta pacífica por uma solução justa e duradoura do conflito israelo-palestino. Nunca acreditei no dogma da insolubilidade. No entanto, raramente experimentei, como hoje, a dificuldade de manter o “otimismo da vontade” que a história requer daqueles que pretendem ficar do lado da humanidade e do progresso. Mas então, o que pensar? E o que fazer?

A primeira tarefa é entender o que aconteceu, a segunda é avaliar, a terceira, sugerir o caminho a seguir. No que foi sem dúvida o pior erro tático de Israel em décadas, militantes do Hamas conseguiram atacar comunidades israelenses ao redor de Gaza sem aviso prévio. No pior dia desde o holocausto, centenas de judeus civis foram massacrados - até as forças israelenses eliminarem os kamikazes islamistas. O choque não tem precedentes. E a reação israelense é uma tentativa, no momento deste texto e ainda em aberto, a de prometer aniquilar o invasor. Acabar radicalmente com o Hamas é uma meta ambiciosa nunca antes experimentada que, na realidade da Faixa de Gaza, será impossível atingir sem sacrificar milhares de “vítimas colaterais” civis palestinas.

A reação internacional inicial foi mais favorável a Israel, que (excepcionalmente) “gozou” da imagem de vítima. Horas após Israel publicar detalhes sobre as atrocidades cometidas indiscriminadamente contra homens e mulheres, crianças e velhos, o Hamas oficialmente negou: a resistência palestina nunca executaria inocentes, estupraria mulheres ou decapitaria bebês. Tudo seria fruto da propaganda sionista. Começa então a competição entre fatos e confabulações. Entre narrativas mutuamente exclusivas, numa era de inteligência artificial cada vez mais enganadora, como julgar sem aguardar os resultados de uma pesquisa neutra e aprofundada? Impraticável, uma vez que os envolvidos de cada campo devem escolher e fazer seus jogos aqui e agora. Os atacantes são bestas humanas ou honrosos idealistas? Os mortos eram realmente “civis”, numa sociedade que críticos acusam de apartheid e da inexistência de uma categoria de não-combatentes? Ou ainda, após anos de negligência israelense com as reivindicações palestinas, será que os israelenses têm mesmo o direito de promover uma rave com música a poucos quilômetros do interminável sofrimento dos palestinos? Nosso crítico “palestinófilo” prosseguiria: Israel possui mesmo aquela legitimidade para existir tão embutida na lei internacional – sobre as ruínas de uma sociedade árabe preexistente? Um povo oprimido não tem o direito de se defender com as poucas armas que lhe restam? Ao que seu debatedor pró-sionista replicaria: os palestinos

¹ Peter Demant é editor chefe da Revista Malala e professor livre-docente aposentado pela Universidade de São Paulo. É especialista em História Contemporânea, Oriente Médio, Islã e Relações Internacionais. Atualmente leciona na HOVO Amsterdam, Vrije Universiteit Amsterdam. Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2604594578715465>

■ nota do editor

existem mesmo? Ou são apenas uma nação auto-inventada, pautada num antissemitismo sanguinário e sádico? Cada argumento provoca assim seu contra-argumento, que os estudiosos do conflito quase podem predizer. O ciclo dos argumentos talvez fortaleça emocionalmente os antagonistas, mas nada adiciona à aproximação entre inimigos, precondição de qualquer solução política. As imagens de bombardeios israelenses e do sofrimento de suas indefesas vítimas palestinas, logo também sedentas e famintas, se acumularão: e essas imagens mais recentes sepultarão aquelas, anteriores, das lágrimas judaicas. Conhecemos estas viradas de simpatia ou execração. Pelo momento devemos talvez postergar julgamentos detalhados. Porém, já sabemos algo da história deste e de outros conflitos étnicos e identitários: tragicamente, as alegações as mais terríveis frequentemente se verificaram a posteriori.

Embora os incidentes que causaram a atual conflagração serão debatidos por muito tempo, as consequências devem ser enfrentadas imediatamente. Não esqueçamos que o que começou em Gaza não necessariamente terminará em Gaza, nem mesmo em Ramallah ou Jerusalém. Beirute, Riad e Teerã estão na esquina: Washington e Moscou, a poucos minutos do míssil. A primeira tarefa da comunidade internacional, por mais paralisada que esteja (pela pletora de outros conflitos e problemas mundiais) deve rapidamente prevenir uma ulterior escalada das hostilidades. É tarde demais para os israelenses e palestinos que já morreram. Há ainda chances para prevenir o abatimento de milhares de inocentes. Cada novo assassinato, seja de um soldado por outro soldado, ou de terrorista contra vítima inerte, piora a já lamentável situação. Cada morte injusta tem, além do sofrimento imediato, um efeito cascata na sociedade inteira. Como qualquer ativista no campo da paz sabe, bem como um abraço de um antes anônimo parceiro num diálogo pode profundamente mudar sua contrapartida do lado oposto, assim a radicalização de um trará a radicalização em espelho do seu inimigo. Mesmo se isto for o sonho da direita expansionista israelense como também (creio eu) a perversa aposta da direita islamista palestina, e mesmo no atual contexto regional e internacional pouco alentador, não deveria ser impossível encontrar os meios para frear uma guerra de vingança total por Israel contra os palestinos. O melhor seria entrepor uma força internacional. Contudo, e independente das responsabilidades históricas dos lados, israelenses e judeus por toda parte não têm menos direito à segurança do que palestinos. O desarmamento do ou pelo menos controle sobre o Hamas deve ser, portanto, o preço mínimo a pagar por palestinos para salvar vidas palestinas. Isto, por sua vez, pode beirar ao utópico – se não for acompanhado de uma iniciativa internacional séria para finalmente atacar as raízes venenosas de nossa Guerra de Cem Anos. Raízes que constituem fatos inegáveis que o lado palestino repete com razão: o despojamento (por quaisquer motivos até entendíveis, honrosos ou de força maior) de uma população que morava num território por outra; a eterna questão dos refugiados; e a inevitável escolha, no fim da rota, entre a solução de dois Estados (com retirada israelense dos territórios palestinos) ou de um Estado binacional, que serviria então como lar comum às duas nações atualmente tão hostis entre si. Sem um movimento para resolver, o drama atual só pode piorar...

■ nota do editor

Para quem a “receita” acima soa ingênua, é só pensar nas alternativas: ou banho de sangue, ou “mais do mesmo”. Quanto tempo mais?

Se acreditamos no ideal de uma civilização que compartilhamos como seres humanos, nunca poderemos nos satisfazer com um resultado da guerra ditada apenas pelo “que o mais forte vença”, mesmo se, quando o pano descer, for “nosso” lado que se comprovou ser este ator mais forte.

13 de outubro de 2023